

Diretores seguem uma rotina imposta pelo medo

Funcionários do hospital dizem em depoimentos que médicos andavam armados por causa das ameaças que receberam

Agência O Dia

• Sete meses depois do atentado ao médico João Ricardo Pilotto, os cargos de direção no Hospital da Posse ainda impõem a seus titulares uma rotina de medo: médicos responsáveis por decisões financeiras e administrativas da unidade até hoje adotam medidas de segurança como evitar fazer o mesmo trajeto entre a casa e o trabalho, não ter horários fixos e não dirigir sempre o mesmo carro. Indicado para o cargo de diretor-geral do Hospital da Posse em dezembro de 1997, o superintendente de Saúde Coletiva do estado, Luiz Lomelino, não chegou a pedir proteção policial, mas admite que toma suas precauções:

— Mudo sempre o trajeto de casa para o trabalho e não tenho horário certo. Às vezes, sou esperado de manhã, mas só apareço no hospital à tarde. Outros dias, faço exatamente o contrário. Antigamente, quando parava no sinal de trânsito, tinha medo de assalto. Hoje, me pego de olho no retrovisor para ver se não estou sendo seguido. Não recebi ameaças na Posse, mas precaução não faz mal a ninguém — afirmou o médico.

Antecessor sobreviveu a quatro tiros e se recusa a falar

Seus antecessores que o digam. João Ricardo Pilotto sobreviveu a quatro tiros, mas renunciou ao cargo e se recusa a falar sobre o atentado que quase lhe custou a vida. Seu substituto na direção do hospital, o ex-subsecretário de Saúde do estado Walter Mendes, foi ameaçado de morte inúmeras vezes e, nos quatro meses que ficou no cargo, esteve sob permanente proteção policial.

Sua rotina, agora, é de silêncio. Walter Mendes prefere não comentar fatos relacionados ao Hospital da Posse, embora não negue os depoimentos que deu no inquérito policial.

Amigos dizem que Walter Mendes evita tocar no assunto para não se arriscar. Mas ele afirma que faz isso atendendo a um pedido da polícia, que receia que eventuais declarações possam atrapalhar os rumos da investigação.

Outro que se recusa a falar sobre o assunto é o atual diretor administrativo, Roberto Gonzalez,

braço-direito de Pilotto e Walter Mendes num setor crucial do hospital, o de compras. Roberto tem razões de sobra para adotar medidas de segurança: logo após a emboscada a Madrid, a polícia chegou a levantar a suspeita de que o alvo dos criminosos poderia ser ele. Isso porque seu carro era da mesma cor do de Madrid e de modelo parecido.

Madrid havia almoçado com Roberto Gonzalez e saíra cinco minutos antes deste do hospital, em direção ao Rio, para onde também seguia o diretor administrativo.

No inquérito policial, sobram exemplos de que o medo era o sentimento predominante nos quatro meses entre o atentado a Pilotto e o assassinato de José Luis Madrid, chefe do Serviço de Radiologia. Em depoimentos na delegacia, funcionários do hospital e um dos sócios de Pilotto numa clínica particular revelaram que o médico andava muito preocupado nos 20 dias que antecederam o atentado e passara até a andar armado.

Na casa de saúde, suspeita de outro atentado

O medo não passou nem mesmo quando, atingido por quatro tiros, ficou internado na UTI de uma casa de saúde particular em Nova Iguaçu, escoltado por policiais militares. Amigos de Pilotto contam que, na UTI, ele tentou mais de uma vez agredir médicos que o tratavam pois temia ser morto através de uma injeção letal. Em seu depoimento, porém, o ex-diretor não fornece qualquer subsídio à polícia para a elucidação do atentado.

Já os depoimentos de funcionários no inquérito deixam claro que, naqueles dias, o que não faltava era arma no Hospital da Posse. O vice-diretor do hospital, Sebastião Herculano, que, segundo funcionários andava com uma pistola, afirmou em seu depoimento que possuía apenas um revólver calibre 38.

José Luis Madrid também tinha medo. Tanto que, segundo contou à polícia, registrara uma queixa administrativa contra um profissional do hospital, mas, com medo de represálias, apagou depois qualquer referência ao fato no livro de registros administrativos. ■



LUIZ MADRID na maca: morto em atentado na Via Dutra, quando seguia de carro em direção Rio, após almoçar com o diretor administrativo do hospital